O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)
Anno, 3$540 réis — Semestre, 1$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Annuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida —Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

Preços: (sem estampilha)
Anno, 3$000 réis— Semestre, 1$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 46 | **SEXTA-FEIRA 6 DE DEZEMBRO DE 1861** | **PRIMEIRO ANNO**

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

AVEIRO

Quando o paiz faz tão grandes sacrificios para os seus melhoramentos materiaes que mal o comportam as forças de que póde dispor; quando se está a braços com uma via ferrea que ha de atravessar a extenção desta zona de terra portugueza, banhada pelas aguas do Atlantico; é indesculpavel que as diversas localidades do paiz, prevendo as condições em que vão ficar quando fôr aberta a linha á viação publica, não despertem da letargia profunda em que a maior parte d'ellas tem jazido, e empreguem supremos esforços para secundar e fazer que fortifiquem em proveito seu esse grande melhoramento que é talvez o maior agente de producção inventado nos nossos tempos.

Não podemos arguir o parlamento de desprotecção ás localidades a quem faltassem os necessarios meios.

A camara auctorisou o governo para auxiliar as municipalidades com uma somma que, com quanto não seja sufficiente, já póde chegar a muito.

Se o governo tem sido sollicito em attender ás reclamações que a elle tem subido de muitas localidades,não o sabemos nós; mas se é licito ajuizar pelo resultado que tiveram as representações de alguns povos d'este concelho d'Aveiro, não devemos suppor tibieza no governo em animar os melhoramentos locaes.

Ao menos não houve tardança em se mandarem confeccionar os projectos das obras cuja necessidade lhe foi exposta pelos nossos visinhos. E' de presumir que o governo houvesse procedido egualmente com os povos que pelo mesmo modo lhe representassem.

Parece-nos porém que ha na maior parte das localidades muito desmaselo pelos interesses proprios, ou muita ignorancia das suas conveniencias, e da transformação que o paiz vae ter nas suas vias de communicação, se não é descrença na conclusão dos trabalhos da linha ferrea, como ainda por ahi muitos scepticos evangelisam.

E' certo que não ha maior absurdo do que essa negligencia de localidades, que com toda a frieza do indiferentismo estão observando os trabalhos da grande arteria da nossa futura viação, de braços cruzados, sem se lembrarem do dia de ámanhã.

Não censuramos as povoações que já tem a fortuna de possuir boas estradas, por onde facilmente recebam e mandem productos á via ferrea. Bem poucas são estas; talvez nenhumas. Mas não podemos achar desculpa para aquellas que por falta de boas estradas se hão de achar quasi como sequestradas á linha, quando ella começar a ser explorada. Vir-lhe-ha o arrependimento, mas tarde já, porque não ha remedio para a perda das vantagens que podiam ser auferidas no tempo que hade correr desde então, até ao aperfeiçoamento da sua viação interna. E ainda lhe podem vir maiores damnos. A falta de communicação facil em algumas localidades, com a linha ao tempo da exploração póde occasionar a substituição dessas communicações por outras localidades visinhas, e alterar as condicções que existiriam, se aquellas se precatassem a tempo, ficando assim severamente punida a sua indolencia.

Por todos os lados que se olhe a inação dos concelhos e povoações que se não apressam a melhorar as suas vias de cummunicação com a linha ferrea, não podemos deixar de consideral-a demasiadamente nociva aos seus interesses.

Reconhecemos que esta falta se deve principalmente á nossa pouca civilisação. Os argumentos de theoria valem pouco perante o nosso povo, e mesmo não valem muito para com algumas illustrações.

Mas não póde deixar de haver indulgencia para este genero de incredulidade.

Tem sido muitas as nossas desillusões, para que possam merecer fé sem avisado criterio as asserções dos nossos homens publicos. As muitas promessas falazes, que têem havido, enfraquecem as opiniões mais bem fundadas, as consequencias mais bem deduzidas.

Tudo isto sabe o governo, e praticamente o reconhece pela indolencia das localidades em representar-lhe quaes obras lhe convem, e a necessidade d'ellas, para que com o contingente da sua aria possam contribuir para a grande regeneração material do paiz, que da via ferrea esparamos todos.

Cumprirá pois ao governo deixar correr á revelia tambem pela sua parte a negligencia dos povos? não por certo. Mas é isto que elle na maxima parte está fazendo, e pelo que nós entendemos que elle merece uma censura severa.

O governo devia ordenar aos seus delegados que incitassem os povos a fazerem os melhoramentos que houvessem mister, para facilmente se communicarem com o caminho de ferro. Deviam indicar-lhes mesmo os governadores civis que pedissem auxilios ao governo quando, esgotados os sacrificios, minguassem os meios.

Os governadores civis por este motivo ficariam com uma rasão dupla para visitarem as terras de seu districto, e inspeccionarem as necessidades da viação que ellas teem.

D'esta arte as suas informações valeriam mais para a deliberação que o governo houvesse de tomar, e haveria mais segurança da boa applicação dos fundos locaes, e publicos.

N'este nosso districto ha concelhos, como são Arouca, Paiva, e outros onde as estradas são quasi inviaveis, maiormente quando ha chuvas. Temos quasi certeza de que o sr. Basilio Cabral tem invencivel repugnancia a percorrel-os; elle, que se não incommoda para visitar outros mais proximos, e mais transitaveis. Com este desleixo do chefe do districto, e com aquella negligencia do governo, como poderão elles preparar-se para partilhar os beneficios da via ferrea?

A acção governativa, a escolha de melhores chefes de administração districtal, e mais dedicação de localidades pelos seus proprios interesses, eis ahi necessidades intuitivas, e urgentes, e sem a satisfação das quaes não póde alcançar-se a prosperidade publica, de que as vias ferreas tem dotado os outros paizes, e para a qual é asada, talvez mais do que muitas, esta boa terra portugueza.

No domingo 24 de novembro, teve lugar a eleição da camara municipal, no concelho d'Anadia, para o proximo biennio. Entrando na urna 641 listas, sairam votados os senhores:

Dr. Antonio Henriques d'Almeida Rangel com	641	votos.
Antonio Alves Cerveira com . . .	641	»
Joaquim José d'Oliveira com . . .	640	»
Antonio José da Costa com . . .	639	»
Miguel Tavares com	638	»
Albino Gomes Rosmaninho com. .	636	»
Dr. José Coetano Rebello com . .	634	»

Foi um triumpho completo para o partido que, a despeito dos manejos da auctoridade, se propoz fazer elegel-os!

O administrador, que havia pouco, começára a sua gerencia administrativa n'esse concelho, entendeu que devia fazer a sua estréa pela ostentação aparatosa de todo *o seu poderio*, o qual não teve duvida de pôr ao serviço d'uma *celebre notabilidade*,que agora se quer fazer passar como sendo o dictador da localidade.

Estreou-se mal!

A lista dos vereadores, que se pretendia impôr ao concelho, foi — pela sua qualidade e forma — uma verdadeira luva atirada á parte principal d'elle.

Houve quem a levantasse; e a lucta começou, activa, vigorosamente, — como o administrador nem tinha previsto, nem imaginado. Fortificado na sua respeitavel posição, parecia-lhe impossivel que houvesse proposito que não se demovesse á simples manifestação da sua vontade!

Era uma triste illusão!

Metteu mãos á obra; mas depois d'empregar *todos* os meios, para que a sua official importancia o habilitava, meios que nem n'outra epocha bem conhecida pelas suas opressões politicas haviam sido praticados n'esse concelho, desenganado da inutilidade e inefficacia de todos aquelles seos *brilhantes* exforços, na vespera da eleição resolveu abandonar a urna. Os seos eleitores foram então avisados para que não comparecessem na assemblêa eleitoral!

Nunca d'antes auctoridade alguma tinha recorrido a expediente analogo. Tem por isso o merecimento da novidade, — e não é pouco!

Como porem este inesperado successo podia impressionar desagradavelmente a sua gente, e dar occasião a explicações inconvenientes, justificou-se-lhe aquella determinação — assegurando-se-lhe que a eleição, que ia fazer-se era nulla, e que como tal havia de ser julgada pelo conselho de districto; — que se preparassem para a sua repetição!!

Ninguem acha o mais tenue fundamento,que possa servir de motivo para que se decrete a sua nullidade, — e segundo as informações, que nos deram, não será possivel deparar com um unico acto, ou falta, que o possa auctorisar. Mas isso affirma-se, e protesta-se.

Confiamos na rectidão e dignidade dos illustres vogaes do conselho de districto, e estamos seguros que darão ao districto e ao paiz mais uma prova de que se não prestam a ser instrumentos de paixões pequenas, e de caprichos ainda mais pequenos.

Como noticiamos n'um dos nossos numeros antecedentes, foi transferido do logar de juiz de direito da comarca desta cidade para a de Monte-mor o Velho o illm.º sr. dr. Agostinho Joaquim de Oliveira Coelho.

S. s.ª está prestes a deixar-nos, e hoje faz as suas despedidas aos povos que com tanta rectidão administrou justiça, na proclamação que em seguida transcrevemos.

O sr. dr. Oliveira Coelho deixa muitas saudades, porque alem de juiz recto conta como cavalheiro um amigo em cada individuo com quem tractava.

Desejamos cordealmente a s. s.ª todas as felicidades de que tão digno se torna.

HABITANTES DA COMARCA D'AVEIRO

Sua Magestade Houve por bem transferir-me d'esta Comarca para a de Monte-Mor o Velho, por Decreto 21 de Novembro último.

È, portanto, forçoso deixar-vos, mas não sem grande saudade minha, porque vou penhoradissimo pelas maneiras delicadas, e considerações immerecidas que me prodigalisasteis.

Agradeço-vos, pois, tantas finezas, e obsequios, e serei grato.

Aveiro, 5 de Dezembro de 1861.

Agostinho Joaquim d'Oliveira Coelho.

FOLHETIM

MYSTERIOS

POR

ALEXANDRE DUMAS, FILHO.

(Conclusão do n.º 42)

Restavam-me ainda algumas moedas de cem soldos dos cem francos, que Mauricio me enviára. Paguei o que devia, para que a minha morte não prejudicasse pessoa alguma, e esperei: vendo que já ninguem vinha a minha casa, a senhora appareceu de novo, e recomeçou os seus conselhos. Surprehendeu-me algumas vezes chorando; contou-me a historia de mulheres menos lindas, que tinham sido mais infelizes que eu, e que agora eram ricas e felizes. Poz-me um espelho diante do rosto, e disse-me que olhasse. Prendeu-me de novo á vida pelo galanteio. Assegurou-me que, se eu quisesse dar-lhe ouvidos, faria a minha fortuna. Eu era nova, bella, tinha vontade de viver. Na idade, em que eu estava, é singular como se consente difficilmente em morrer. Escutei, pois, a fome e esta mulher, e fui jantar com aquelle homem, a casa de quem estava para ir, a primeira vez que vi Maucicio.

Mas creio que é tempo de concluir.

Oh! que vida, meu Deus, se isto é vida! que vergonha! que solidão! que aborrecimento! Comprehendes isto, Bertha? Pertencer a toda a gente, excepto a si! Estar á discripção d'uma miseravel creatura, que nos vende como mercadoria sua, e que nos tracta como ao seu cão! Recomeçar esta existencia todas as manhãs, e ver diante de si uma serie de dias e annos similhantes! A que grau d'embrutecimento é mister ter chegado para acceitar esta repugnante monotonia do vicio e da miseria! Não me senti com a coragem necessaria para isso. Eu não amava alguem; ninguem me amava. Uma manhã, acordando, disse comigo: Basta!

Perguntei-me para que servia fazer o que eu fazia. Que rasão, que fim tinha uma similhante existencia? Algumas moedas de prata de vez em quando, um vestido, um jantar, um espectaculo, e depois. . .A morte podia cortar tudo isto d'um só golpe, e conceder-me alguma estima de mim mesmo. Voltou-me de novo a ideia de morrer.

Podias ter-te dedicado outra vez ao trabalho, me dirás tu. Mas não é por ventura o habito do trabalho a primeira cousa, que se perde, na vida que eu vivera? Não tinha eu no meu trajo, no meu todo, mau grado meu, a prova da minha degradação? Que pessoa honesta me teria aberto a sua porta? Só a morte, pois, era possivel; mas desta vez não quiz deixar-me tempo de me arrepender, nem aos outros os meios de me salvar. Em logar de esperar a morte deixando de comer, quiz ir-lhe ao encontro. Pareceu-me que practicaria nisto uma boa acção, e que mais vale destruir d'um só golpe uma creatura de Deus, do que deixal-a definhar pouco a pouco no vicio e na corrupção. Preferi o suicidio physico ao suicidio moral. . . Tive rasão, creio eu. Tornei-me d'uma alegria louca, e pensei na morte como outros pensam no amor. Eu tornava-me livre, pensando assim: depois de eu morrer, ninguem podia já fazer alguma cousa em meu favor, e a minha belleza pertencer-me-há exclusivamente,ao menos durante o pouco tempo que ella sobreviver á minha vida.

Restava-me uma moeda de dous soldos, isto é, o necessario para viver meio dia, comendo só pão. Esta moeda era velha e coberta de verdete; mandei-a ferver em vinagre, depois penteei-me; fiz-me bonita; vesti a minha melhor camiza. Mandei-te procurar por um moço-de-recados, a quem te pedi que pagasses, porque eu me teria visto mui embaraçada para o fazer, e bebi este horrivel veneno.

— Mas tu tinhas um bracelete d'ouro, lhe disse eu, que podias ter vendido, e com cujo producto podias ter vivido ainda algum tempo.

Herminia sorriu tristemente.

— Oh! meu Deus, sim, tinham-mo dado, dizendo-me que era d'ouro; quando digo: tinham-mo dado, o que eu deveria dizer é: — tinham-no permutado comigo.

— Foi a ultima compra que fiz, accrescentou Herminia, levantando os olhos para o ceu. Finalmente, esta manhã quiz vendel-o, julgando, como acabas de dizer-me,que o dinheiro, que me dessem por elle, me forneceria os meios de viver mais alguns dias, e que, durante este tempo, talvez Deus tivesse piedade de mim. Queria considerar-me com direito de me matar, porque em fim, dizem que é um crime. Entrei em casa d'um joalheiro, e perguntei-lhe quanto me dava pelo bracelete. Olhou para mim alguns instantes, e disse-me rindo, e com ar de zombaria, como se tivera adivinhado donde e como eu o houvera:—Roubaram-na minha menina,isto vale quinze soldos,é cobre.

Era exactamante como se me dissera: Menina, não tem senão duas horas a viver.

Eu disse: Agradecida, senhor. Vendi-lhe o bracelête pelo preço, que me offerecia. Com esses quinze soldoscomprei flores,voltei paraaqui, e como nada mais me detinha, fizo que queria.

Herminia apresentou outra vez aquella alegria, que tanto me espantara, quando entrei em casa della.

Pobre rapariga, que não foi, talvez, alegre senão uma vez em sua vida,e essa á hora da morte!

— Como vão ficar logrados, disse ella de repente, os amigos da senhora, que me suppunham ainda longos dias e longas noites a viver!

Todas estas reflexões joviaes,verdadeiras ou ironicas, eram entrecortadas de dores, de convulsões, de espantosos accessos de pallidez.

Oh! tornou ella crusando as mãos e com uma expressão de desejo inteiramente infantil, ha uma cousa que eu muito appetecia.

— Que é? exclamei eu. Dize-mo, Herminia, e eu t'a darei, se poder.

— Isso não é muito caro, mas é-o para ti.

— Dize sempre.

— Um dia vi conduzir para uma casa toda armada de branco, e onde por consequencia tinha morrido uma rapariga, que iam enterrar, vi conduzir o caixão, em que iam introduzil-a. Eu não imaginava que uma cousa tão triste podesse ser tão encantadora. Suppõe que o esquife era de acajú, acolchoado por dentro, forrado de setim branco. E recordo-me de que, vendo isto, me pareceu que devia de ser uma consolação para a moribunda pensar que depois da sua morte repousaria em um leito tão garridamente preparado. Eu, que não podia aspirar a mais do que um caixão de madeira branca, parei cheia de admiração ante este luxo da morte. Pois bem, eu serei tambem a mulher mais feliz da terra, se me collocarem, quando morrer, n'um esquife similhante áquelle, e me cobrirem com estas frescas flores.

(COMMUNICADO)

NECROLOGIO.

Mais uma vida cara e prestadia foi aniquilada pela morte.

A ex.ma sr.a D. Emilia Carlota Pacheco Telles d'Aguieira deixou a face da terra no dia 3 do corrente.

Não é só a sua familia que se angustia com este grande infortunio: somos nós que conhecia mos as suas virtudes: são egualmente os desvalidos a quem sempre estendeu a sua mão protectora e bemfazeja.

A alma da ex.ma sr.a D. Emilia Carlota, subiu á mansão dos justos receber o premio das suas virtudes na terra.

Ás lagrimas vertidas pelos irmãos da finada juntamos as nossas: oremos pelo descanço eterno d'aquella alma pura. *S. P.*

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

Legação de S. M. F. em Roma.—N.º 78. —Illm.º e exm.º sr.—No dia 10 á meia noite recebi o despacho telegraphico que V. sx.ª se serviu expedir-me pelas onze horas da manhã desse dia, communicando-me a infausta noticia de se achar S. M. el-rei em perigo imminente de vida.

Preso de fllicção e cuidado que V ex.ª póde imaginar, logo de madrugada me dirigi ao Vaticano a fim de informar o santo padre,e pedir-lhe offeresse a sua missa pelas melhoras de el-rei, e sua santidade ficou muito consternado com a noticia e me assegurou que ía já para o altar offerecer a missa por S.M. e pedir a Deus que lhe desse todas as melhoras, e que ao mesmo tempo lhe mandava a benção apostolica, o que me recomendava que logo partecipasse para Lisboa, e que immediatamente cumpri, dirigindo-me do Vaticano diretamente á estação do telegrapho antes das oito horas da manhã. Ordenei tambem logo que no nossa egreja de Santo Antonio se fiizessem preces publicas por S. M. que nas missas se desse a collecta *pro rege infermo*, e que hoje se começasse um triduo solemne ao nosso thaumaturgo. Neste momento recebo um novo despacho telegraphico de V. ex.ª que augmenta, se é possivel, a nossa anciedade, annunciando a continuação do perigoso estado de S. M. Esperemos ainda que a infinita misiricordia de Deus ha de acceitar as preces de todos os portuguezes, conservando a preciosissima vida do nosso adorado soberano, como tanto havemos mister. Nestas preses e nesta esperança tanto eu como os empregados desta legação nos juntamos de todo o coração.

Deus guarde a V. ex.ª Roma, em 12 de novembro de 1861.—Illm.º e ex.º sr. Antonio José d'Avila etc., etc.—*Visconde de Alte.*

Illm.º e ex.º sr.—O despacho telegraphico de V. ex.ª com a infausta noticia do fallecimento de S. M. el-rei o sr. D. Pedro V sómente foi por mim recebido no dia 13 á meia noite, bem que fosse expedido no dia 11. Incluso remetto o proprio boletim, assim como a explicação mandoda da estação telegraphica, pela qual se conhece o motivo da demora. Pelo despacho, que o nuncio tinha mandado, já eu tinha conhecimento da horrivel catastrophe que em tão curto espaço arrebatára o amado soberano na flor dos annos e na força da vida ao amor dos seus portuguezes, do quem fazia a verdadeira gloria. O santo padre ficou na maior consternação; sua santidade apreciava em subido ponto as sublimes virtudes de S. M., e mostrava em todas as occasiões o sentimento de amor, interesse e consideração pela sua augusta pessoa.

Esta terrivel calamidade tem causado o maior sentimento nesta côrte, onde S. M. tinha deixado impressões tão lisongeiras. O corpo diplomatico tem vindo todo fazer-me a sua visita de pezames. S. M., conhecido pessoalmente em todas as côrtes, por toda a parte era querido e admirado.

Submergido na mais profunda magua, seja-me permitido juntar tambem uma lagrima ái muitas que pela irreparavel perda po nosso admiravel soberano hoje se derramam no nosso Portugal, coberto de luto no traje e no coração, dando ao mundo o mais bello exemplo de amor pelos seus principes,

Confio que V. ex.ª me fará a distincta honra de depôr aos pés do throno a humilde expressão do meu profundo sentimento, e dos empregados desta legação, e de as elevar tambem a presença de el-rei o sr. D. Fernando, o desolado-pae, a quem todos acompanham nesta tão solmne como triste occasião. Em quanto se não tomam outras disposições, dei logo ordem para que na nossa igreja de Santo Antonio se dissessem pela alma de S. M. todas as missas que fosse possivel nos trez dias de corpo presente, e depois ha de effectuar-se um officio solemne feito pela congregação.

Deus guarde a V. ex.ª Roma, 15 de novembro de 1861.—Illm.º e exm.º sr. Antonio José d'Avila.—*Visconde de Alte.*

CHRONICA DISTRICTAL

Só hoje podemos publicar a correspondencia que d'ilhavo nos foi dirigida com data de 28 do mez passado relatando os factos que tiveram lugar naquelle concelho por occasião das ultimas celebres eleições.

Nós fizemos já algumas considerações, por occasião de dar conhecimento aos nossos leitores das scenas escandalosas d'esse drama sinistro. Veja agora o publico mais esse documento, para que se fique sabendo o que vae por esste malfadado districto, e as perniciosas influencias que pesam sobre a auctoridade superior.

Pedimos por isso desculpa ao nosso correspondente e fique sabendo que a nossa omissão foi só por falta de espaço.

Ilhavo 28 de novembro de 1861.

(Do nosso correspondente.)

As eleições municipaes, que ultimamente tiveram logar no concelho d'Ilhavo,foram d'uma tristissima celebridade nos annaes d'aquelle concelho; as violencias, os insultos, e ameaças, o desacato ao templo do Senhor, o comettimento de crimes atrozes, que a moral condemna e a sociedade deve punir, foram a regra, a norma politica dos amigos e protegidos do sr. governador civil nestes ultimos dias.

Já na vespera da eleição a opposição fôra prevenida de que os amigos do sr. governador civil no caso de verem a eleição perdida, tencionavam provocar os seus adversarios, instigar e promover a desordem, e estabelecer em Ilhavo a anarchia.

A opposição prudente e forte nos seus principios julgou do seu dever soffrer todos os insultos, deixar resvalar todas as provocações, não dando pela sua parte occasião a que a ordem publica fosse alterada..

No dia 24 do corrento começaram os trabalhos eleitoraes com socego, que bem pouco durou, pois que os amigos do sr. governador civil conhecendo logo, que os eleitores os haviam desprezado, e se preparavam para votar na lista da opposição, recorreram aos meios de que só elles sabem usar; urdiram e prepararam tumultos dentro da igreja, e quando o administrador do concelho quiz obstar-lhe, o seu regedor que estava á meza eleitoral, longe de o coadjuvar na manutenção da ordem, levanta-se, une-se aos amotinados,e é o primeiro, que levanta o grito de—*Viva Ilhavo—Fóra a Vista Alegre,* este grito foi secundado pelos seus amigos politicos, que accrescentáram tambem—*Fora os Padres—morram; morra a Vista Alegre*—este procedimento infame d'uma auctoridade, que devia empregar todos os seus exforços em manter o socego publico foi stigmatisado devidamente pelo administrador do concelho que se houve honrosamente em todo este dia. O regedor pediu logo a sua demissão, e sem a esperar retirou-se da meza, sendo porisso necessario chamar o substituto para prehencher as funcções, que áquelle competiam.

E' impossivel descrever todos os ardis e traças, que dahi em diante até a noite empregaram os amigos do sr. governador civil para annularem a eleição. Os tumultos succediam-se uns aos outros. No templo e nas suas proximidades eram constantemente insultados os membros da opposição. Alguns homens embriagados, e de maus instinctos, seguidos pelos marujos d'um navio pertencente ao enteado do regedor, e *expressamente* convidados para provocar á desordem, faziam assuada dentro do templo aos padres, á Vista Alegre, e geralmente aos membros da opposição; mas esta conhecedora do fim que pertendiam alcançar os amigos do sr. governador civil, soffria pacifica os insultos, que lhes dirigiam; debalde o administrador empregava todos os seus exforços para manter a ordem; a vozeria e o tumulto, que elle fazia extinguir n'uma parte, ia immediatamente levantar-se mais forte a poucos passos de distancia. A auctoridade administrativa foi desattendida e gravemente insultada especialmente por José do Paulo, Lavado, e João Petinga, que eram dos mais turbulentos: os amigos da ordem membros da opposição, aproximaram-se á meza, offereceram-lhe o seu apoio e ao administrador do concelho,e os trabalhos eleitoraes continuaram.

Pela volta das 4 horas da tarde alguns membros da opposição foram avisados de que a igreja hia ser atacada pelos seus adversarios, que tencionavam quebrar a mesa, e a arrombar as urnas, continuando em seguida um conflicto de morte; deu-se immediatamente parte ao administrador do concelho, e a opposição esperou tranquilla e firme pelo desfecho deste trama. Com effeito d'ahi a pouco Manuel Mendonça, homem turbulento, um dos principaes instigadores da desordem aproxima-se á mesa seguido do *celebre* João do Veu — de Miguel Pailé —Luiz da Picada — Pedro Calisto — e outros, e requer *para lhe ser admittido um protesto,* este era o signal talvez; dado elle, o João do Veu mette a cabeça á mesa, e secundado de Pedro Calisto, e Miguel Pailé, derrubam-a em quanto que Luiz da Picada dá um pontapé nas urnas, que felizmente se não entornaram; e os outros correligionarios gritam = *Viva Ilhavo* = *Fora os Padres* = *Fora a Vista Alegre.*

O administrador emprega todos o esforços, e consegue repôr tudo no primeiro estado; mas vendo que era quasi sol posto, e temendo com os membros da mesa eleitoral um novo ataque á urna, appressam-se a fechal-a em cofre seguro, ficando a votação para o dia seguinte. Sahe tudo da igreja, fecham-se as portas, e os amotinados, a cuja frente se via José do Paulo = Joaquim da Rabita = José Veronica, e outros percorrem as ruas da villa = gritando sempre = *Viva Ilhavo* = *Fora os Padres* = *Fora a Vista Alegre* = *Morram morram!!* Estes gritos, porém, não acham eco na população, cujo bom senso reprova estes excessos.

O administrador temendo a anarchia e uma conflagração geral, resolve-se a pedir tropa; parte logo o escrivão de fazenda Bernardo Maria da Silva, no impedimento do secretario da administração, para Aveiro, a seu pedido; mas constando talvez isto mesmo aos desordeiros, fazem uma embuscada ao dito escrivão no lugar das Arribas, e dão-lhe uma descarga de seis tiros, mas felizmente nenhum lhe acerta; elle grita, mette o cavallo a galope, e chega á villa a dar parte d'isto ao administrador do concelho.

O administrador com alguns cabos de policia, que pôde reunir, percorre as ruas, e consegue finalmente restabelecer o socego. Assim acabou este dia, que podia ser um dia de sangue, e carnagem, a não ser a prudencia da opposição, e os esforços do administrador.

No dia seguinte o presidente da mesa, que o é tambem da camara, homem faccioso, e que entrava nas listas dos amigos do sr. governador civil officia logo de manhã ao administrador dizendo-lhe = *que julgava nullo todo o acto eleitoral* = e por isso não queria comparecer.

Á hora competente a mesa reune-se no local da assemblêa, e officia ao presidente, convidando-o a vir tomar parte nos trabalhos eleitoraes, elle nega-se, e então a convite da assemblêa toma o fiscal da camara a presidencia e continua a eleição com toda a regularidade porque os desordeiros não apparceram nesse dia na igreja. Acabada a votação, viu-se que tinham entrado na urna 474 listas, e começado o escrutinio ainda nesse dia obteve a opposição 247 votos, em quanto que os seus adversarios tinham apenas 37 votos!!! Vergonhosissima derrota!!!

Estava portanto vencida a eleição pela opposição, cuja lista já tinha maioria absoluta. Não podendo concluir-se o escrutinio n'aquelle dia, fecharam-se novamente as urnas, metendo-se n'um cofre, que foi depositado em logar seguro.

Na terça-feira de manhã achou-se a igreja arrombada e arrombada tambem a porta da capella do Sacramento e roubado o cofre com as urnas e todos os papeis pertencente á eleição, inclusive o livro do recenseamento.

Amesa reuniu logo; fez-se judicialmente auto d'arrombamento da igreja e roubo das urnas, que nessa mesma manhã foram encontradas no campo chamado o Outeiro vendo-se tambem inda restos do cofre a que tinham lançado o fogo.

De tudo isto a mesa resolveu dar conhecimento ao sr. ministro do reino, ao sr. governador civil e igualmente ao poder judicial afim de tomarem as providencias necessarias.

Estes factos involvem tantos crimes que por muito que se queira apadrinhar é impossivel que os dellinquentes fiquem sem castigo.

Eis ahi o resultado de desleaes conselhos que se dão ao primeiro magistrado do districto, eis ahi o triste consectario da sua nimia credulidade. Tem-se-lhe assegurado que alguns homens desordeiros da villa haviam conquistado a idolatria popular. A benevolencia da auctoridade afoitou-os para todo o genero de excessos; e o sr. governador civil vê quasi ás portas de seu domicilio estabelecida a desordem, o insulto, o espancamento, o sacrilegio, o arrombamento, o roubo, e a mais completa anarchia, no acto mais sério, mais respeitavel, e mais importante da vida constitucional.

Sr. governador civil, attentados como este ainda nenhum concelho do districto os presenciou. Estava guardada para elles a administração de v. ex.ª Poderão elles servir ao menos para desvendar-lhe os olhos? Ou estará v. ex.ª em tal atonia de espirito, e de vontade, que veja tudo isto com o riso da indifferença? Dil-o-ha o tempo.

CORRESPONDENCIAS

BARRA DA FIGUEIRA.

Sr. redactor.

Figueira da Foz, 29 de novembro de 1861.

A nossa correspondencia para a inserção da qual V. se dignou franquear o seu jornal, n.º 38 de 8 do corrente, teve a *honra* de ser atacada pelo *Portugal Independente* n.º 8, um dos jornaes da Lusa Athenas, cujo titulo pomposo nos faz lembrar da elegante fabula — a montanha e o rato.

Este feliz filho de Minerva, que conta uma edade tão tenra, tem sido a admiração dos mais abalisados escriptores publicos, que, curvados perante o alto saber que (oh raridade!) o distingue; á sua rigidez de principios, e ás letras de ouro com que apresenta seus monumentosos artigos, vieram prestar-lhe homenagem de joelho em terra.

Gloria eterna seja á columna inquebravel!!!

E Herminia, exprimindo este desejo, apresentava um ar de meiguice, similhante a uma creança, que deseja um brinco, e quer ôbtel-o de sua mãe.

— Ai de mim, minha pobre Herminia, lhe disse eu então, não posso dar-te isso.

— Pois bem, será cumprido o seu desejo, exclamei eu.O caixão dar-lho-hei;e, se resta álem da morte alguma cousa, que tenha ainda lembrança deste mundo, essa alguma cousa será feliz, e dever-mo-á.

— Oh! fará uma acção muito boa, senhor, disse Bertha enchugando os olhos. Mas deixe-me acabar, aliás faltar-me-á a força.

Herminia quiz ainda continuar a falar-me e sorrir-me, mas a naturesa recobrara a superioridade. De vez em quando, erguia-se sobre a cama, e, pegando-me no braço, gritava-me:

— Salva-me! salva-me! eu t'o supplico! eu não quero morrer!

Era o corpo que luctava; que a alma bem resolvida estava a morrer.

— E o medico que não chega! exclamei eu com desespero.

— E que não póde vir, me respondeu ella com voz enfraquecida; eu não o mandei chamar, para estar segura de morrer.

A esta declaração, sahi precipitadamente, e gritei — que corressem a procurar um medico, o primeiro, que apparecesse, e que o trouxessem logo, logo.

— O senhor veio com elle, e sabe o resto.

Antes do senhor chegar, Herminia expirara no meio de convulsões atrozes; mas, apenas cessára de viver, o seu rosto perdeu aquella contracção dolorosa, e, vencida a materia, o semblante tornou a tomar a expressão do espirito. Bem pintado tinha ella em seu sorriso, como o senhor viu, a felicidade do repouso, a que tinha querido chegar. Sua vida voara para Deus, mas sua alma voltou para ella.

— Bertha calou-se.

Olhei para esta repariga sem educação, e a quem o seu coração e uma grande emoção dictavam as simples e poeticas palavras, que eu acabava de ouvir. Descobri o rosto d'Herminia, e minha alma abraçou christãmente a sua.

— Agradecido, lhe disse eu chorando e estendendo-lhe a mão; a menina é uma bella e boa rapariga. Aproveite o exemplo que tem diante dos olhos. Eu vou cumprir a ultima vontade desta querida rapariga.

Deixei Bertha com Herminia, e, entrando n'um cabriolet, fiz-me conduzir ás pompas funebres. Parecia-me que tinha chumbo na cabeça e no peito.

Indicaram-me a morada do homem, que fazia esta especie d'objectos. Dirigi-me a casa delle. Mas este homem respondeu-me que se não faziam desses caixões senão d'encommenda, e que o, que eu queria, só podia estar prompto no dia seguinte. Não instei para elle mo fazer por menos de duzentos e cincoenta francos, e corri a casa da minha mãe, porque, como facilmente suppões, eu estava longe de ter esta quantia.

Minha mãe não tinha em casa senão duzentos francos, e ainda destes tinha a pagar uma divida de grande importancia, e que lhe absorvia pelo menos metade. Eu disse-lhe que, ainda que ella houvesse de ficar sem um soldo, e sustentando-se de pão durante um mez, era mister que me desse aquelles duzentos francos, sendo que a cousa, a que elles eram destinados, era sagrada, como eu mais tarde lhe explicaria.

Minha mãe comprehendeu pela minha emoção, que o negocio era grave, e entregou-me os duzentos francos,ficando, creio eu, com dez francos em casa para viver quinze dias.

Durante este tempo, Bertha mandara prevenir os parentes d'Herminia, e, para terminar, accrescentou precipitadamente Mauricio, venho do enterro.

— Pobre rapariga! disse eu a Mauricio; repousa ao menos no esquife, que desejava ter?

— Sim, me disse elle levantando-se, e depois d'uma curta hesitação.

— Isso, que fizeste, é bem feito, lhe disse eu, e apertei-lhe a mão.

Mauricio passeou alguns instantes no meu quarto, como um homem entregue a um pensamento importuno, e que carece de o communicar a alguem. Finalmente, parou diante de mim e, olhando-me como se tivesse uma confissão a fazer-me e um perdão a pedir-me, disse-me:

— Escuta, é necessario que eu te diga tudo, porque tenho um pezo no coração.

— Pois que mais ha?

— Has-de dizer-me francamente, não se eu obrei mal, que isso sei eu, mas se a minha má acção tem alguma cousa de desculpavel.

— Então que é isso? fala, disse eu a Mauricio, adivinhando quasi o que elle ia dizer-me.

— Eu respondi-te depois que Herminia tinha sido enterrada no caixão, que ella queria.

— Sim, disseste.

— Menti-te.

— Ah!

— Menti-te. Quando me trouxeram o caixão, Herminia estava morta, isto é, insensivel á ultima ventura, que sonhara durante a vida, e com o qual nem mesmo havia contado. Eu lembrei-me do apuro, em que o emprestimo daquelles duzentos francos collocava minha mãe, que quasi chorava ao dar-mos, a minha pobre mãe, a quem eu sempre fugi de dar um desgosto; sacrifiquei os mortos aos vivos. Sepultei Herminia no meio das suas flores, como ella desejava, mas n'um caixão, que não me custou mais que a parte daquelle, que eu encommendara na vespera, e fui levar a minha mãe aquelle dinheiro, que tão necessario lhe era.

Andei mal nisto, que fiz, não é assim? accrescentou Mauricio interrogando-me com os olhos; mas em fim eu não sou rico. Deus sabe que, se eu houvesse feito esta promessa a Herminia em quanto viva, tel-a-ia cumprido depois da sua morte; mas ella morreu sem ter esperança nisso.

De mais, continuou Mauricio, (vendo que eu nada respondia, e para oppor um ultimo argumento em seu favor á opinião, que devia levar-me a fazer delle a declaração, que me fazia,) de mais, o caixão, que eu substituí ao primeiro, era muito lindo, e eu paguei á dona da hospedaria.

— O que tu fizeste é muito natural, respondi eu a Mauricio suspirando, porque a uma confidencia como aquella, não havia outra cousa a responder, e conduzis-te como bom filho.

Ora, o que tambem é verdade, accrescentei eu sem poder conter estas palavras, é que a pobre Herminia tinha rasão para dizer que não tinha fortuna.

FIM

A nossa primeira intenção foi não responder; e, se valessem para tal resolução os cuidados de casa, ou os do *finissimo* articulista, o silencio ser-nos-hia mais permittido.

Tenhamos, porém, condescendencia com o *fino cysne*, e digamos-lhe duas palavras, com o que muito deve ufanar-se.

«Quando estavamos na leitura do seu (?) artigo, quasi que nos persuadimos de que o articulista queria tambem ser engenheiro. Esta mania de ser engenheiro, mal nos vae a nós, se se torna vantajosa! Deus tal não permitta, porque receamos ser affectados da mesma economia, e o resultado seria ir darmos entrada em Rilhafolles, e obrigados a medir o mundo com compasso de pau, como fazem aquelles que comprehendem em rapidos calculos todo o bom resultado das obras da barra e porto da Figueira.

O nosso amigo parece indicar-nos, que pretende ser chefe de fiscaes: é tambem uma mania.

Quem possue tão elevado zelo, merece que a patria lhe dê a maior demonstração de reconhecimento. Vamos, portanto, fazer elaborar uma representação; fazel-a assignar por cem mil peticionarios, pedindo aos poderes publicos para que o tal articulista seja ellevado a alto cargo, mas cargo que a sua *consciencia* e *saber* possam desempenhar; e com essa ascensão... oh! a felicidade cahirá em jorros sobre nós, mesquinhas creaturas.

As expressões *finissimas*, que lhe *são tão proprias*, e que nos dirigiu, devolvemo-lh'as; por que o *Figueirense* não se serve de cacos tão reles. Tem mais dignidade para tratar os *cysnes finos*, supposto conheça que elles tem uma carne negra por baixo da alva plumagem. *Cada qual dá o que tem.*

As palavras de *alto respeito* (não dizemos de servilismo) com que quiz endeosar os nossos *patricios engenheiros* são com effeito rasgos admiraveis de eloquencia, e filhos da sua cabeça bem organisada que até sabe medir por millimetros as qualidades do homem. E por tão abalisado serviço vae o nosso amigo articulista receber em breve a *famosa* e nunca assás decantada deputação *commercial figueirense*, que irá em barco triumphal ornado de conchas e sargaço, ou limo branco, cumprimentar essa entidade amphibia que nem o proprio Cuvier poderia classificar. A *synagoga* mandará tambem a sua deputação para agradecer o modo e fórma porque a *encommenda* foi desempenhada, e dará em premio ao *eximio cysne* do Mondego uma medalha, que terá inscripto n'uma das faces — *sabensa* —, e na outra — *ingratidão* —.

A chegada das *deputações* será annunciada em devido tempo; e a distancia de 40 kilometros começarão a arder as 51 mil duzias de foguetes que se vão encommendar. Logo que ellas ponham pé em terra uma girandola monstro, estallando nos ares, porá em espanto os homens e as feras.

Sobre as toldas estarão as philarmonicas da Figueira, Quiaios, Verride, Montemór e Alhadas. Levarão tambem suspensos ao pescoço os instrumentos de engenharia para lhe serem offertados, e o articulista receberá então os cumprimentos, os instrumentos, e as zumbaias do estylo, sentado em cadeira de espaldar, mas... de cortiça! E depois aceitará, benigno, as lições de experiencia que ellas tem sobre taes trabalhos hydraulicos.

Diz o *eximio* articulista que nós não respondemos á parte do seu artigo, porque contra factos não ha argumentos; que fugimos para o vasto campo das generalidades, e que confessamos, em parte, a justiça de algumas das suas accusações (!!!)

O articulista *illustre* está brincando por certo! Nós é que temos todos os fundamentos para lhe dizer = que contra os factos apresentados por nós é que não ha argumentos.

Os argumentos dos maldizentes são uma serie de disparates, de tal ordem, que só um talento *fino* é que poderia responder... Mas.... vamos para di ante.

Diz tambem o nosso *illustre* amigo: que quanto ao sr. Borges lá achamos no seu (*respeitavel*) artigo, cousa que muito nos magoou, e que por isso nos custou a engolir etc. etc. E esta?!. Nós, que nunca sequer abrimos a bocca, como é que tentamos engolir?!

O *illustre* articulista parece que se está a rever no seu aranzel! Ora deixe-se de parvoíces. Tenha modestia, *pois sabe o que val*...

Pedimos-lhe que não seja assim: póde-se tornar feio e antipathico com taes pretenções...

Diz mais o articulista (assás nunca louvado) que nós corremos parelhas com o noticiarista do *Conimbricense* n.º 809 de 26 de outubro. Será assim; mas ao tal Demosthenes de agua chilra é que lhe custou muito a engolir d'aquellas pillulas, que por serem de bom tamanho lhe ficam atravessadas na garganta, resultando-lhe um amargo de bocca tal, que nos causa pezar, lastima, e enjôo.

Continúa o articulista *immortal* dizendo: que o engenheiro prático erra menos que o theorico, e pergunta-nos = entende?... Sim, nosso caro amigo, entendemos que estava fóra do proposito do seu fim quando tal escreveu; e o que sabemos é de certas *práticas em certos negocios*; mas a nossa opinião áquelle respeito, é de que se quiz associar aos nossos pensamentos, confirmando que os nossos patricios, que abrem greiros em marinhas, são de facto *consummados engenheiros!!*

Cremos, que o articulista que ainda não está inspirado pelas deputações, que hão de cumprimental-o, já vae *pescando* alguma cousa, fructo da sua sciencia, e por consequencia vae já correndo parelhas com o mestre moleiro da Louroza, que o articulista deve saber, se propoz a abrir a barra da Figueira! O' toleima!!

Mas um genio tal deve ser encarregado de altos feitos, e sendo assistido pelos nossos patricios engenheiros, poderá encarregar-se de todas as obras hydraulicas do velho e novo mundo, e mesmo da abertura do Isthmo de Soez.

Em quanto aos pontos de que o articulista *respeitavel* accusa o sr. Silva, e as expressões menos verdadeiras que emprega para o taxar de menos zeloso etc. etc., vem a ser a mesma *antifona* já repetida tantas vezes em todos os tons, e que não ferem aquelle cavalheiro como pretendem os maldizentes despeitados; pois que essas accusações são falsas; — e tão refinada e reconhecida é a má fé d'esses *dictadores* em miniatura!

Essas repetições injustas e improprias do homem de bem, tem o cunho da *intriga* e da *ingratidão*. São o coachar da rã e nada mais.

A baba d'esses truões damnados não ha de prejudicar o sr. Silva. A honra deste homem probo e trabalhador a que devieis prestar culto, está muito alta para que os vossos beliscões a possam tocar. Assimilhaes-vos á mosca, que indo no carro julgava que era ella que o fazia chiar!

Assim sois vós, e, como á mosca, ninguem vos dará credito; e cousa alguma valerão as mentiras que forjaes, não obstante as boas cores com que procuraes coloril-as, mas cujo fundo fica sempre negro, como os vossos corações...

Convencei-vos de que não assustaes, mas offendeis; não fallaes verdade, mentis; não sois imparciaes, domina-vos a ambição de alguns cobresitos e... nada mais.

A honra do sr. Silva ficará sempre illibada: as vossas accusações não offuscam, acrysolam-na.

Ninguem, que não seja miope, e mau, poderá com justiça accusar o sr. Silva pelos annuncios, que mandou affixar, convidando aquelles, que tivessem que o sensurar, a apresentarem perante o nobre visconde da Luz, a nota de suas accusações. Quanto a nós, que nos presamos de ser imparciaes, foi uma acção tão nobre e honrosa, que jámais deixará de lhe ser louvada.

Um procedimento tão exemplar, filho só da consciencia dos seus actos, é bastante para se lhe tributar os maiores encomios. Quem se atreveria a tanto?... Mostrae-nos alguns que procedessem d'este modo. Mas quem não sabe comprehender acções nobres, censura-as; e assim fazeis vós, e nossos patricios *engenheiros* que tão maus, como injustos, vos fazem coro!

Se o sr. Silva não esteve presente durante essas *medonhas* accusações, cujo documento triste deram alguns de nossos patricios, foi para deixar desaffrontados esses grandes *genios*, e melhor poderem apresentar-se ao nobre visconde da Luz com toda a franqueza, e para que não empallidecessem diante do homem, de que tinham consciencia, que ultrajavam. E quanto mais o sr. Silva não foi chamado, como falsamente o articulista quer inculcar.

Mas saiba o *illustre* articulista, que muitos negociantes honrados não assentiram, antes reprovaram essa memoravel, altiva e arrogante *columna* commercial, arvorada em terrivel algoz, inhumano, torpe e parvo, e a quem o articulista quer dispensar tanto *poder*, tanta *justiça*, tanto *saber*, e tanta... maldade e toleima!

Os truões que deixamos photographados, sería melhor que fossem prégar no dezerto, porque não ouviriam a crítica severa e amarga da maior parte dos figueirenses, e de todos que tem visto as obras, que as sabem avaliar, e as taxam de um modo bem merecido...

O sr. Silva, é incapaz de se servir de dinheiros alheios. Acusa-o o bom do articulista de querer fazer palacios. etc etc.

Isto é digno da irrisão publica! onde está esse palacio? Em que sitio se acham os alicerses?... Com a coherencia, que falla do palacio, da mesma forma conclue a respeito do Borges.

Bem aventurado ventre, que te gerou, e os peitos que te alimentaram!

Acredite o *eximio* articulista, que a assignatura de um figueirense, com que foi firmada a nossa correspondencia que mereceo o seu tiroteio, de bem meseraveis pontarias, é realmente de um figueirense; e se não assignou o seu nome de baptismo, foi por não querer os agradecimentos de pessoa alguma, como parece dezejar o nosso *cisne* dos nossos *patricios engenheiros* e mais alguns *benesses*.

Somos inimigos da adulação, e por isso não queremos que se nos teçam encomios.

São modos de pensar.

O argumento, que se apresenta a respeito dos dois modos de pensar do sr. Fernandes Thomás, com relação aos merecimentos do sr. Silva, — não colhe nada absolutamente. São as mordeduras da vibora n'uma lima, onde quebra os dentes sem lhe fazer móssa.

Seja mais comodido nas suas apreciações, para que se não diga, que só falla quem tem que se lhe arranhe...

Recommenda-nos tambem a leitnra da correspondencia da Figueira, inserta no n.º 601 do *T. P.* — Não a vimos; e nem procuraremos vel-a, por que entendemos que tudo o que se tem dito contra o sr. Silva está plenamente distruido pelos factos; e por que tambem todos esses aranzêez tem sido todos forjados do mesmo ferro, batidos na mesma bigorna, e aquecidos na mesma forja. Lêa as correspondencias a favor, confronte-as com as accusações, e depois despido de paixões, julgue; e verá que muda de opinião.

Não presuma o *illustrado* articulista, nem os nossos patricios *engenheiros* tambem presumam que nos surprehenderá a demissão do sr. Silva porque a patria paga sempre mal aos seus melhores servidores, e muito principalmente quando entra em jogo (...) a maldicta da politica, deusa caprichosa, a quem se sacrifica tudo, e até o bem do paiz!

Seja como for. O sr. Silva já colheu a sua corôa de gloria: é sua, possue-a e a ninguem mais pertence, nem poderá pertencer; e só lh'a disputam os *engenheiros* nossos patricios!!!

Por esta occasião retificamos tudo quanto dissemos na nossa ultima correspondencia, e se tanto for preciso proval-o-hemos com o testemunho insuspeito de muitos homens probos, e especialmente com os srs. Silvino Joaquim Ferreira, e João Xavier, de Coimbra que darão testemunho de que as duas causas capitaes, que moveram alguns nossos patricios á guerra contra o sr. Silva, foram aquellas que como tal, apontamos na nossa ultima correspondencia. Na loja do sr. Fontoura confessou-as um negociante figueirense e que é do gremio dos taes *gladiadores*. Ah! Sancho Pansa! Sancho Pansa! Se voltasses a este mundo tinhas muitos D. Quixotes, que servir!

A verdade nada sempre ao cimo de agua: não houve critica na tal confissão, mas foi o castigo de Deus, que os ferio, e ainda os ha de ferir mais.... Esperem o resultado da sua obra, que corresponderá ao seu começo.

E as cabeças talentosas dos nossos patricios *engenheivos*, conhecidos tambem por incognitos numerados, aguardam corôas de viçosas e perfumadas rosas que virão em barco especial da terra da sua naturalidade — o Japão; e depois ufanos e altivos, não disputarão aos seus associados *automaticos* o mais pequeno galardão, ainda que seja uma corôa de bravio mato, porque *tal* é a *arvore tal* é o *fructo*.

Rogamos a V. , sr. redactor, com todo o empenho, a inserção das presentes linhas n'um dos numeros do seu bem redigido jornal pelo que nos confessaremos summamente gratos; e somos com toda a consideração.

De V. etc.
Um Figueirense.

P. S.

Depois desta fechada deparamos no *C. das P.* n.º 982, com outra correspondencia, de *estrellinhas* da Figueira, em resposta á nossa inserta no n.º 38 do *D. de A.* que é — *obra fina*. E quem menos poderia esperar de sabios tão exclarecidos a que os insignes — Dumas, Sue, V. Hugo e nosso A. Herculano — curvam *respeitosamente* a cabeça?!.. Elles que fizeram em questões sobre hydraulica, estradas e pontes abater a prôa dos famosos — Noel, Rhumboll e Rennie?!..

Que de maravilhas conta a nossa terra!..

Adiante:

Rogamos pois aos nossos *chistosos e sabios* patricios que da nossa presente correspondencia em resposta ao *P. S.* guardem para si a parte que lhes possa tocar e já não ficam mal.

Notem, que se quizermos continuar a gastar cerá com tão *ruins defuntos*, mandar-lhe-hemos algum tabaquinho mais, para vermos se por meio dos espirros dão signal de vida. E neste caso em nós sabendo os nomes dessas *raridades* havemos igualmente erigir-lhes um pedestal, mas em forma de buzio, onde em letras *diamantinas* se lerá para gloria eterna dos vossos e nossos vindouros — de uma banda esta inscripção:

Aqui jazem os restos mortaes *tão aproveitaveis* dos injustos e *ingratos* figueirenses, de *insaciavel vingança*, que envergonhados por terem ultrajado, sem causas justas, o sr. F. M. P. da Silva, perderam a forma humana; e assim castigados e abatidos, estouraram raivosos.

Da outra banda se lerá:

Aqui jazem as cinzas, de côr duvidosa, dos parvos *engenheiros* figueirenses que julgaram ser os mais altos talentos do universo, — e que morreram envoltos em raiva e baba, por lhes ter o parvo de Buarcos em conferencia com o das Alhadas, feito conhecer, que elles eram inferiores ao João Garanhão.

Um Figueirense.

NOTICIARIO

Lições de grammatica. — Um jornalista desta terra propõe-se a dar lições de grammatica gratuitamente. Recommendamos este *eximio* professor com os seguintes excerptos do *Campeão do Vouga* — Pelle da cutis lindamente assetinada — Juba ir suta — Bomba para apagar remorsos — Turbas da multidão — Dia do anniversario natalicio da morte do Redemptor — Locutorio no adro da Vera-Cruz — A lua expargindo raios — etc. etc. etc.

Os amadores de *bernardices* podem procurar-nos que promptamente lhe mostraremos a collecção do *Campeão do Vouga*.

Suffragios. — Na cidade de Silves, para commemorar o profundo sentimento, que ali causou a prematura morte de S. M. F. o senhor D. Pedro V, mandou o delegado do procurador regio Henrique Pinto dizer uma missa na capella da Senhora Mãe dos Homens, em frente da cadêa, para ser ouvida pelos presos, a que assistiram os empregados do juizo, presidente da camara João Gregorio Mascarenhas Netto, administrador do concelho João Diogo Mascarenhas Netto, o commandante, e destacamento d'infanteria 15, que ali está: No seguinte dia (27 de novembro) mandou o juiz de direito José Bernardo da Silva dizer outra missa rezada na egreja matriz, a que assistiu com toda a sua familia, empregados do juizo, administrador do concelho, e varias pessoas do povo: ambas as missas foram ditas pelo red.º prior da freguezia Joaquim Lourenço Callado, que recusou aceitar as esmolas, concordando em que fossom distribuidas pelos presos, o que se fez. Além do referido, creou-se uma commissão, composta do juiz de direito, delegado do procurador regio, prior da freguezia, presidente da camara, administrador do concelho, recebedor do concelho Francisco Verissimo Pereira, e Domingos Garcia Blanco, hespanhol, que andam promovendo uma subscripção, para construir uma enfermaria junta ao Banho de Monchique, destinada para os pobres, e formar um capital, a fim de se dizer uma missa annual no dia anniversario do fallecimento do dito senhor.

Boa providencia. — Nas novas instrucções do almirantado inglez ha o seguinte artigo:

E' prohibido aos aspirantes, contramestres, e marinheiros fumar cachimbo, ou charuto antes da idade de 18 annos. (*Opinião.*)

Commemoração — Do *Archivo Pittoresco*, jornal redigido pelo nosso distincto escriptor Silva Tulio, transcrevemos a descripção que o mesmo jornal faz, como commemoração do glorioso dia 1.º de dezembro de 1640, do sitio e os azulejos onde se acham representadas as principaes scenas daquella memoravel revolução no jardim do palacio dos condes d'Almada, como se segue.

«No fundo do jardim hoje inculto e devastado, que ainda assombrado por alteroso arvaredo, ha uma especie de pavilhão descoberto, com assentos de pedra, e por detraz d'elle uma escadaria que leva a um mirante, onde d'antes havia uma sahida para o monte de Sant'Anna, ladeando a cerca do mosteiro das commendadeiras da Encarnação.

«Por esta serventia escusa é que naturalmente os conjurados entravam para a casa das conferencias, que ainda existe no jardim, já muito arruinado.

«O pavilhão tem uma fonte no topo, com seu tanque em fórma de pia baptismal, de cantaria lavrada, pelo estilo do seculo XVI. As paredes são todas azolejadas de alto a baixo e ao meio é que estão dezenhadas as scenas da revolução.

«No fundo, e por cima da fonte, está figurado o paço da Ribeira, invadido pelos conjurados, desarmando a guarda castelhana; uma das varandas D. Miguel de Almeida, com a espada em punho, bradando ao povo: *Liberdade, liberdade, viva el-rei D. João IV!* A' porta do paço está um coche puxado a quatro, espantados ós cavallos com os vivas da multidão. Por baixo d'este quadro está escripto: *Redempção de Portugal. A Fedelidade e o amor triumphão.*

«Na parede do lado direito está representada a procissão que sahio da Sé, no momento em que no largo de Santo Antonio se despregou o braço direito da imagem de Christo, que ia adiante do arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha. Este e D. Alvaro de Abranches, que vai a cavallo com o estandarte do senado, são as duas figuras mais proeminentes. Por baixo d'esta mesma scena está este versiculo de S. Lucas: *Benedictas Dominus Deus Israel, quia visitavit et fecit redemptionem plebis suæ.*

«Na parede do lado esquerdo é que está a scena que dezenha a nossa gravura. As seis figuras que n'elle se veem, são os primeiros conjurados que chamárão para as suas conferencias o doutor João Pinto Ribeiro, a saber: D. Miguel de Almeida, D. Antão de Almeida, Francisco de Mello, Jorge do Mello, Pedro de Mendonça e elle Pinto Ribeiro.

«Por cima deste quadro está a seguinte inscripção: *Amor, Constancia e Fidelidade.* Por baixo: *Venturoso sitio; honrosas conferencias em que se formou a redempção de Portugal.*»

Publicações. — O *Tribuno Popular* annunciando algumas publicações do sr. dr. Diogo Pereira Forjaz de Sampaio, diz o seguinte:

«Este distincto professor de Direito Commercial na Universidade, ainda ha pouco teve do parlamento portuguez uma demonstração honrosissima, por occasião de escrever ao sr. Gaspar Pereira da Silva uma carta sobre o projecto de lei de fallencias, e citamos este facto como recommendação para os escriptos que agora annuncia. —

As annotações são um commentario ao codigo commercial em todo o livro 1.º, e titulos 1—VIII do livro 2.º As annotnções ao livro 1.º são precedidas d'uma extensa Introducção, em que se tractam algumas das materias economico—politicas, que mais relação tem com o codigo. Nestes dois volumes, que são os primeiros do commentario ao codigo, em que o A. trabalha, acham-se commentadas muitas das materias de maior importancia no commercio, por exemplo as do registo publico, as dos actos commerciaes, as de obrigações mercantis, as de letras de cambio etc. Esta obra tem por fim lançar a necessaria luz sobre o nosso codigo commercial, cuja obscuridade e difficuldade de execução é reconhecida por quantos tem havido mister de se servirem del,e no magisterio, nos tribunaes, no foro, e na pratica dos negocios marcantis.

Alem desta obra, que o A. principia em ordem seguida, já publicou os seguintes folhetos especiaes a certas materias; — Annotações aos artigos 8.º e 9.º sobre letras de cambio, as quaes estão reinpressas, refundidas nas Annotações aos titulos 1—8 do livro 2.º; — Annotações ao titulo das fallencias; — e carta ao sr. Gaspar Pereira da Silva ácerca do projecto de lei sobre a fallencia.

As Memorias do Bom Jesus do Monte são uma descripção do Sanctuario do Bom Jesus do Monte, nos suburbios da cidade de Braga, e uma historia da fundação, e progressos deste Monumento religioso de Portugal, graças espirituaes, concedidas aos que o visitam, seus fundos, rendimentos, e administração. E' a 2.ª edição em 8.º fr,, adornada com dez estampas dos principaes panoramas d'aquelle sitio.

O auctor acompanha os melhoramentos feitos naquelle celebre monumento de 1844, em que publicou a primeira edição das memorias.

Recommendamos pois a leitura tanto de uma como de outra publicação.

Bodas curiosas. — Uma carta de Vienna que publica a «Independencia Belga» diz que acaba de celebrar-se em Bahia Gora, perto de Bielitz,

um matrimonio que não deixa de ser bem curioso.

O noivo tem 19 annos e a noiva.. 105!! Parece que está vigorosa, que ainda se acha no goso de todas as suas faculdades intellectuaes e corporaes, e que tem o aspecto de uma mulher de 50 annos. Nunca esteve doente. Apenas contava 85 annos quando ficou viuva.

Seu primeiro marido pertencia a uma quadrilha de ladrões, que durante o ultimo seculo infestava as circumvisinhanças de Bielitz, cujos membros todos, em numero de dezoito, foram inforcados em 1776. Escolheu para o dia das segundas nupcias o de 6 de Setembro ultimo, anniversario da execução de seu primeiro marido.

Caixa economica. — Damos em seguida o balanço da Caixa Economica d'Aveiro durante o mez de novembro de 1861.

Entradas:

Depositos recebidos.....	764$705
Letras idem.....	886$060
Juros idem.....	58$875
Saldo do mez antecedente	1:774$325
	3:483$965

Sahidas:

Emprestimos.....	920$760
Depositos restituidos	1:109$005
Juros pagos.....	6$420
Dinheiro em caixa.....	1:447$780
	3:483$965
Valor dos depositos a cargo da caixa em 30 de novembro. .	14:693$395
Valor das letras existentes em cofre na mesma data	14:063$339

Escriptorio da Caixa Economica d'Aveiro 2 de dezembro de 1861.

A. Pinheiro.
2.º Secretario.

Trabalhos da via ferrea —Tem continuado nesta secção oom bastante actividade os trabalhos nos aterros para o caminho de ferro. Segundo nos informam, perto de nove centas pessoas tem sido as empregadas nesta semana, e mais se empregarão logo que o desinvolvimento dos trabalhos o permita. Os aterros já hoje chegam á estrada que communica esta cidade com Albergaria.

Na sessão d'Ovar, estam colocados os *rails* até perto de Cortegaça, e espera-se que a locomotiva possa correr entre aquella villa e Esmoris, dentro de poucos dias, e até 25 de janeiro, que chegue ás proximidades de Villa Nova de Gaía.

Exequias.—Consta-nos que a camara desta cidade tenciona suffragar com solemnes exequias a alma de S. M. o sr. D. Pedro V, no dia 14 do corrente, para as quaes já foi convidado um dos mais esperançosos talentos, que actualmente possuimos na oratoria sagrada, o sr. Alves Matheus.

Esmola. = A Santa Casa da Misericordia desta cidade, acaba de ser contemplada com uma esmola de 48$000 rs. pelo sr. Ricardo José da Rocha, negociante da cidade do Porto.

Actos desta natureza nem tem elogio, nem agradecimento, porque tudo o que se dissesse ficava muito aquem do louvor devido ; = no entanto para melhor se avaliar a caridade do sr. Rocha diremos, que nem é filho d'Aveiro.

Despachos.

Dr. José Maria de Abreu, lente cathedratico da faculdade de philosophia na universidade de Coimbra, agraciado com o augmento do terço de seu ordenado, por decreto de 4 de outubro ultimo.

Joaquim Henriques Fradesso da Silva, lente substituto da quinta cadeira da escola polytechnica de Lisboa, promovido a lente proprietario da mesma cadeira por decreto de 21 de novembro corrente.

Antonio José da Rocha, nomeado professor proprietario da cadeira de grammatica portugueza, latina e latinidade da villa da Covilhã, no districto de Castello-Branco, por decreto de 24 de novembro corrente.

Fernando Eduardo Pereira, para a cadeira de igual disciplina da villa da Chamusca, no districto de Santarém, por decreto da mesma data.

Francisco Antonio Nunes de Vasconcellos, professor da quinta e sexta cadeiras do lyceu nacional de Vizeu — jubilado com o ordenado por inteiro, sem exercicio, por decreto da mesma data.

Vicente Tito Mazoni, professor de rabeca e violeta no conservatorio real de Lisboa — graciado com o augmento do terço do seu ordenado, por decreto da mesma data.

Antonio Manoel Azedo, professor proprietario da cadeira de gramatica portugueza, latina e latinidade da villa de Redondo, no districto de Evora — auctorisado a trocar com o professor das Caldas da Rainha, no districto de Leiria, por decreto da mesma data.

Luiz de Vasconcellos Correia de Bayão, professor proprietario da cadeira de gramatica portugueza, latina e latinidade das Caldas da Rainha, no districto de Leiria authorisado a trocar com o professor da villa Redondo, no districto da mesma data.

CORREIO

LISBOA 4 DE DEZEMBRO

(Do nosso correspondente.)

Principiarei por dar-lhe uma noticia agradavel.

S. A. o sr. infante D. Augusto tem, ha dois dias, experimentado sensiveis melhoras. A sciencia começa a alimentar esperanças em vista do estado satisfactorio do augusto enfermo. Um dos facultativos que trata do principe disse-me hontem que, embora não o julgasse inteiramente livre de perigo, se persuadia de que, a continuarem as melhoras que appareceram, o reputava escapo.

Queira Deus que seja assim, não só pelo sr. infante que tanto tem padecido, como para que a familia real seja poupada a um novo desgosto.

No boletim, publicado hontem, appareceu pela primeira vez o nome do cirurgião Pereira entre os demais assistentes que tem assignado os boletins do paço. Alguns delles, segundo tenho ouvido dizer, não viram com bons olhos que lhes fosse aggregado um simples cirurgião ajudante de um regimento; e a este respeito contam-se factos que não acreditaria, senão conhecesse por experiencia que tenho dos homens o que póde o orgulho, o despeito, e a inveja mesquinha em muito delles.

Na segunda-feira, como estava determinado, celebrou-se no Campo Pequeno a missa militar por alma d'el-rei. Assistiu áquelle acto religioso toda a guarnição da capital, alem de muitos generaes, e officiaes de differentes graduações, altos funccionarios civis, e quasi todos os ministros. A concorrencia foi numerosissima. Estiveram presentes muitas senhoras da alta sociedade, e bem assim muito povo de todas as classes.

O altar, coberto com um docel, estava collocado junto do muro que fórma angulo recto com o extremo oeste do palacio do sr. conde das Galveas. Officiou, por ser o mais antigo, o capellão d'artilheria n.º 1, servindo-lhe d'acolyto um primeiro sargento do mesmo regimento. Os portamachados de todos os corpos formavam alas desde o altar até ao ponto onde estava formada a divisão. Na rectaguarda dos portamachados e dispostas em semicirculo formavam as musicas de todos os regimentos, que tocaram, reunidas, as peças de musica funebre que tinham ensaiado para aquelle acto.

A tropa estava formada em columna cerrada. A infanteria occupava o centro, a artilheria a direita, e a cavallaria a esquerda.

Em quanto durou a missa salvou de 5 em 5 minutos uma peça d'artilheria que estava collocada por detraz do altar. No fim dos suffragios houve uma salva de 21 tiros. A cavallaria era commandada pelo sr. infante D. João, e toda a divisão pelo sr. conde de Santa Maria, em frente do qual desfilou depois toda a tropa em continencia.

O dia, por muito nebuloso, não permittiu para aquelle imponente espectaculo todo o esplendor, que lhe daria um daquelles dias d'inverno de sol brilhante, como os costumamos ter neste canto da Europa. O tempo esteve humido, tão sombrio e carregado de novoeiro, que não era possivel distinguir os objectos a mais de 20 passos de distancia.

Por portaria de 27 de novembro está determinado que se façam exequias solemnes no templo de S. Vicente de Fóra, nos dias 9 e 11 do corrente, por alma d'el-rei, e do sr. infante D. Fernando. El-rei resolveu assistir áquelles actos religiosos. Ordenou-se tambem que nos referidos dias houvesse suspensão de espectaculos publicos.

Fui convidado pelo sr. Diogo Manique para ver o ensaio que s. ex.ª faz hoje, pelas 4 horas da tarde no Campo de Sant'Anna, d'um novo aperfeiçoamento que introduzio no seu util invento contra os sinistros das carroagens.

São dignos de todo o louvor os esforços tentados por aquelle cavalheiro contra o perigo que corre quem se mette n'uma carroagem, principalmente n'uma terra onde a arte de cocheiro está ainda em atrazo, e onde se confia sem nenhuma especie de cautella a direcção d'uma parelha e a vida de algumas pessoas ao primeiro gallego que se lembra de sentar-se n'uma almofada, e tomar umas redeas na mão. E' para lamentar que o estudo e deligencias do sr. Manique não tenham encontrado apoio, nem official nem particular, e que assim se desconsidere um trabalho tão proficuo.

Da experiencia d'hoje contarei o que vir na futura correspondencia.

Decidiu-se hontem no supremo tribunal de justiça, em favor do sr. Ozorio, a celebre questão por elle intentada contra uns brazileiros sobre uma parte da valiosa herança d'um fulano, por appellido, dos Guimarães, fallecido ha tempos no Brazil.

A sessão do tribunal prolongou-se até quasi á noite.

No dia 1.º do corrente celebrou-se o contracto de venda do caminho de ferro do Barreiro ás Vendas Novas e ramal de Setubal entre o governo e concessionarios da linha ferrea de sueste.

Eis as principaes condições com que me dizem fora feito o mencionado contracto.

A companhia ingleza compra o caminho ao governo por mais oito ou dez contos do que foi comprado aos brazileiros, e quite das condições onerosas com que fora celebrado o contracto primitivo e que pezavam sobre o estado.

O alargamento da via é feiso por conta dos compradores, a quem tambem foi imposta a condição de melhorar a estação do Barreiro, construir uma estação em Lisboa em terreno do estado e onde o governo lhe indicar, e bem assim a obrigação de ter uma carreira de vapores para o Barreiro.

A companhia é obrigada a ter prompto o caminho n'um praso determinado, e quando o exceda fica obrigada a pagar ao governo um certo juro pelo tempo da demora.

Parece que o caminho se encontrará com o de leste proximo d'Estremoz, e que por causa desta clausula ha um protesto do sr. Salamanca. Affirma-se, porem, que não offerecerá grandes difficuldades este embaraço, e que o governo espera conciliar os interesses de todos.

Corria hontem a noticia de que ia ser demittido o governador Calheiros do governo de Angola. Attribue-se a sua demissão ao facto de não ter dado posse ao official que fôra nomeado pelo ministro para governador de Mossamedes.

Nem affirmo o facto da demissão, nem o do recusa do conselheiro Calheiros. Entretanto, se é verdade que s. ex.ª se negou a dar posse a um funccionario nomeado pelo rei, a demissão é justa, aliás, estabellecido semelhante precedente, os governadores das colonias tornavam-se quasi independentes e superiores ás ordens que lhes fossem enviadas da Metropole.

O dia 1.º de Dezembro foi muito festejado no theatro da rua dos Condes. A peça que se representou ali naquella noite, e que fora feita para celebrar tão memoravel anniversario, foi mais enthusiasticamente applaudida do que o fora nunca. A todas as referencias que se fazia á casa de Bragança eram recebidas com frenetico applauso, e ás palavras : «viva o rei» com que finda o drama, ergueram-se todos os espectadores dos camarotes, e da plateia repetindo o viva ! com respeitoso enthusiasmo. O theatro estava cheio a trasbordar.

O *Prestigiador* tem continuado a fornecer boas casas ao theatro normal.

Affirma-se que neste ultimo paquete fora ordem ao barão de Moreira para sair do Rio de Janeiro e voltar para Portugal. Consta que o governo está na resolução de demittir aquelle funccionario, a quem será dado um logar de conselheiro do tribunal de contas, que está vago.

Parece que o governo está na intenção de acabar com o consulado geral no Rio de Janeiro passando as funcções do cargo para um empregado da legação naquella côrte, sendo distribuidos os emolumentos pelo respectivo ministro e mais empregados da legação, para assim lhes proporcionar os meios de poderem viver naquelle paiz, que é muito caro, sem augmentar a verba no orçamento da despeza do estado.

Creio que será novamente nomeado chefe da missão portugueza no Rio de Janeiro, o sr. José de Vasconcellos e Sousa.

Na segunda-feira de manhã appareceu morto na casa em que habitava um ferramenteiro das obras do novo matadouro. Desconfiou-se ao principio que a morte fôra violenta ; mas, feito o exame pelos peritos, estes declararam que não havia causa para auctorisar taes suspeitas.

Alguns jornaes daqui tem publicado, transcrevendo-a do *Progresso* de Lião, uma carta que de Lisboa dirigin áquella folha o seu correspondente, o sr. Luiz Sauvage, ácerca desta cidade. Com effeito, o nosso hospede trata-nos com muita amabilidade, e é dos poucos estrangeiros que fallam de nós lisongeiramente.

Luiz Sauvage é um homem moço, instruido, de boa apparencia, e fino trato.

O marechal Saldanha continúa melhor. Já se levanta, e vae em progressiva convalescença.

Hontem celebrou-se na egreja da Lapa os officios funebres por alma do sr. Franzini, cujo cadaver foi depois conduzido para o cemiterio dos Prazeres. O acto religioso foi concorrido, e ao finado foram feitas todas as honras inherentes aos altos cargos que tinha desempenhado.

Ficou transferida para o dia 7 a extracção da loteria que devia hoje verificar-se. Na caza havia ainda muitos bilhetes por vender.

Esta noite estrea-se com a *Lucia* a *prima dona* Laborde. Tenciono ir ouvil-a, e contarei depois a impressão que me causar.

EXTERIOR

Da *Chronica dos dois mundos:*

«Paris 29. — Mr. de Lavallete embaixador em Roma, saiu por ordem do imperador.

O rei Victor Manuel decide-se a ir a Napoles.»

«Londres, 29. — A prisão dos commissarios separatistas, violando a bandeira ingleza, produzio grande indignação contra os estados do norte.

Celebraram-se muitos meetings, nos quaes reinou o mais bellicoso enthusiasmo.»

«Pariz, 28.— Annuncia-se um proximo discurso do principe Napoleão no senado, e espera-se com impaciencia julgando-se que derramará luz sobre os successos futuros.»

«Londres, 28. — Os commissarios separatistas Mosson e Sliddel, foram feitos prisioneiros por um navio federal a bordo de outro navio inglez.

Falla-se, por esta razão, do rompimento da neutralidade de Inglaterra contra o governo de Washington.

Mizzini está gravemente doente.»

Da *Epoca:*

«Londres 29. — Corre o boato de que o governo inglez mandára dez mil homens ao Canadá.

Ha noticias de Nova-York que alcançam a 15 de novembro.

A occupação do forte Beaufort não foi completa.

Assegura-se que ha poucos depositos de algodão proximo de Beaufort.

Os federaes occuparam a ilha Hilton, mas os habitantes antes de se retirarem a Charleston, queimaram todo o algodão.

Os separatistas enforcarão os officiaes federaes, se estes enforcarem os corsarios.

O *Jacinto*, tendo a seu bordo os commissarios do sul, chegou ao forte Monroe.»

«Pariz 29. — Os jornaes manifestam, com reserva, que as noticias de S. Domingos de 9 de novembro, dizem qus Santanta fizera um pronunciamento contra a Hespanha.»

«Londres 28. — O capitão do paquete inglez protestou energicamente contra a prisão dos commissarios do sul, a bordo do seu navio.

Este facto considera-se como um acto de pirataria.»

«Berna 26. = O conselho federal prepara uma nova nota sobre o assumpto dos Dappes. Destinaram-se duas sessões á discussão d'ella, e o embaixador de França foi ouvido pelo conselho federal em audiencia particular..»

«Liverpool 27 á noite. = É grande a agitação por causa de terem sido aprisionados os dois commissarios do sul.

Houve hoje um meeting; a multidão que era immensa, expressou a sua indignação por aquelle acto, e concordou-se em dirigir uma mensagem ao governo para que defenda a dignidade do pavilhão britannico, ultrajado pelos Estados-Unidos.

«Londres 28. = O *Morning-Post* publica um artigo de caracter semi-official no qual se diz que os belligerantes americanos teem direito a deter qualquer embarcação mercante que transporte contrabando de guerra, soldados, armas e despachos ; mas não tem direito para se apoderarem dos passageiros.

= Da *Correspondencia*:

«Berlin 26. = Dizem da Polonia que o imperador da Russia chamara a S. Petersbourgo o chefe da commissão de cultos, Vidal, e que o general Suchezanett prohibiu que o acompanhasse a Wieloposki, e o pozera á disposição deste.»

«Turin 26. = A «Opinione» assegura que pela nova organisação, e á vista do ultimo decreto de recrutamento, o exercito italiano constará de 90 regimentos de infanteria, 7 brigadas de caçadores e 22 regimentos de cavallaria.

A carta de Garibaldi, datada de Caprera, depois de aconselhar que cada italiano prepare a sua espada, accrescenta :

«O mundo não ignora que sabemos manejal-«a, e julgo que a hora se avisinha. Isto é dirigi-«do aos que calcam os direitos da Italia com a «força e a mentira.»

«Bruxellas, 26.—Todas as noticias da Italia concordam em que a Inglaterra pretende substituir pela sua a influencia franceza na Italia.

«Paris 27. — Correm rumores ácerca do rompimento da Inglaterra com os Estados-Unidos, por ter um navio de guerra federal aprisionado, entre a Habana e S. Thomaz, dois commissarios separatistas, que iam para Inglaterra a bordo de um navio inglez.»

A questão foi submettida aos jurisconsultos da corôa e esta confirmará com a sua decisão. Se fôr julgada conforme a aprecia o «Morning Post,» o insulto será vingado como merece.»

«Paris, 27.—A questão do valle dos Dappes está a ponto de resolver-se.

Espera-se este inverno em Paris uma embaixada do Japão composta de duzentas pessoas. Esta embaixada visitará, além d'isso, a Inglaterra, Hollanda, Prussia e Russia, e dizem que traz explendidos brindes para offerecer aos soberanos.»

«Vienna, 27.—Dizem de Scutari que o novo governador Reschid pachá chegara áquelle ponto e que se haviam entabolado negociações para a pacificação das provincias insurrecionadas, assim como para restabelecer a boa harmonia entre a Turquia e o Montenegro.»

Berlin, 27.—O commandante da guarda de policia foi condemnado a quatro semanas de prisão por ter dado um passa-porte falso. Está, porém, em liberdade em quanto a sentença não fôr confirmada.

Outro chefe de policia foi condemnado a cinco annos de prisão, e o tenente de policia foi absolvido.»

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 4 de dezembro

ENTRADA

PORTO, Hiate port. Incomparavel m. J. R. da Paula, 8 pessoas de tripolação, lastro.

ANNUNCIOS

A Philarmonica d'esta cidade, dirigida pelo sr. Valerio, deliberando fazer exequias solemnes no dia 11 do corrente pelas 10 horas da manhã na egreja da Misericordia, por alma do nosso fallecido Monarcha o Senhor D. Pedro V de saudosissima memoria, convida para este religioso acto a assistencia de todas as pessoas, que a elle queiram concorrer.

É orador o sr. conego Carvalho e Goes. — Haverá Matinas, Responso, e absolvições do stylo.

As folhinhas de reza do bispado de Aveiro, acham-se á venda á portaria das Carmelitas, desta cidade, onde se continuarão a vender em quanto não houver aviso em contrario. Preço 150 reis.

RESPONSAVEL — *Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.*

Typographia do Districto de Aveiro.